

Pequeno investidor tem acesso limitado a ações

acima de R\$ 50

- Altos custos de corretagem para essas aplicações dificultam ganhos

O discurso dos especialistas em finanças pessoais é que os investidores devem considerar aplicar uma parte de seus recursos em ações nesta fase de juros baixos na renda fixa. Mas, mesmo após pesquisar taxas de corretagem, que podem variar de R\$ 1,99 a R\$ 25, o investidor pode ficar assustado com o dinheiro que terá de desembolsar diante das atuais cotações de algumas ações bastante recomendadas por analistas.

Simulação feita por Flávio Lemos, diretor da **escola Trader Brasil**, com base num investimento de R\$ 100, mostra que mesmo que o investidor consiga a menor taxa de corretagem do mercado por operação (R\$ 1,99), sem o pagamento de custódia mensal, precisará de uma valorização de 2% do papel, sem contar com o pagamento de dividendos e Imposto de Renda, para não perder dinheiro. Para conseguir rendimento de 2%, a ação terá que subir 4,10%.

Já se o acionista operar com uma taxa de corretagem de R\$ 15 e com isenção de custódia, terá que torcer para que os papéis avancem 9,2% para conseguir 2% de rendimento, caso tenha investido R\$ 500.

— Fracionário não costuma valer a pena pela corretagem cobrada. Só recomendo entrar na Bolsa com mais de R\$



10 mil, porque aí o investidor consegue comprar a maioria dos lotes padrão, diversificar e diluir custos — disse Lemos.

No Ibovespa, principal índice da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), grupo Ultra, Telefônica, Cielo, Renner, Ambev e Sabesp saem por mais de R\$ 50 a unidade, o que exigiria um desembolso de pelo menos R\$ 5 mil para adquirir o lote padrão de cem unidades. Já as ações preferenciais (PN, sem direito a voto) do Pão de Açúcar saem por mais de R\$ 100, o que exigiria gasto superior a R\$ 10 mil para comprar um lote padrão.

— O melhor dos mundos é que a ação fique entre R\$ 10 e R\$ 50. É o ideal. Acima disso pode até limitar um pouco o acesso para pessoa física, mas não é um empecilho — disse Rossano Oltramari, analista-chefe e sócio da XP Investimentos.

Caso a empresa julgue que a ação subiu demais, ela pode fazer um desdobramento, mecanismo pelo qual a empresa multiplica o número de papéis sem aumentar seu capital social. Em 2013, até agora apenas duas empresas fizeram essa opção. A última foi a Kroton, que tinha acumulado alta de 151% em 2012, e fez desdobramento na proporção de uma ação antiga por duas novas para aumentar a liquidez dos papéis ao ser negociada por um preço mais acessível.

Mercado fracionário

Mas o investidor que não tem tanto dinheiro para aplicar pode recorrer ao mercado fracionário, menos conhecido e com volume menor de liquidez, no qual não é necessário comprar os papéis em lotes. Os preços costumam apresentar alguma discrepância em relação ao valor da

ação unitária do lote padrão. Além disso, a variação percentual pode seguir na direção contrária. Na última quarta-feira, por exemplo, Pão de Açúcar PN subiu 0,57%, a R\$ 105,60, no mercado de lote padrão, e caiu 0,35%, a R\$ 104,63, no fracionário.

Eventuais diferenças de preço e menor grau de liquidez não são os únicos cuidados que o investidor deve tomar ao operar no fracionário. Especialistas alertam que os custos para negociar em corretoras podem dificultar um rendimento positivo para pequenos investimentos.

Corretoras costumam recomendar que o investidor disponha de ao menos R\$ 3 mil, mas avaliam que o ideal é ter R\$ 10 mil para começar.

— Para conseguir diversificar, o interessante é começar com R\$ 10 mil. O ideal é ter horizonte de longo prazo para a Bolsa — disse Oltramari.

Estratégia de longo prazo

Para quem pensa no longo prazo (mais de dois anos), comprar pequenas quantidades de ações pode resultar em menor peso dos custos. É o caso do administrador Thiago Rezende, de 29 anos, que tenta adquirir R\$ 300 por mês em ações de Petrobras ou Vale. Sua meta é acumular papéis sem perspectiva de vendê-los no curto prazo.

Rezende adota estratégia sofisticada para ganhar dinheiro mesmo quando o mercado está em baixa. Todo mês aplica recursos em opções de venda das duas empresas — operações que dão direito a comprar ou vender determinado ativo por um preço previamente acordado. Assim, ele se protege em caso de desvalorização.



— Há três anos invisto amadoramente dessa maneira para me proteger. E tenho obtido um retorno legal — disse Rezende.

Pechinchas exigem cautela

Se de um lado algumas ações estão com preços menos convidativos para o pequeno investidor, outras estão tão em conta que podem ilusoriamente parecer “pechinchas”. Mas analistas alertam que, mesmo as ações nos menores preços unitários do Ibovespa, índice de referência da Bolsa de Valores de São Paulo, ainda podem despencar mais e por isso exigem cautela antes do investimento.

Estão nessa situação papéis de construtoras, como PDG e Brookfield, e empresas “X”, sigla com a qual o empresário Eike Batista batiza seus negócios, como LLX Logística, OGX Petróleo e MMX Mineração. Essas são algumas das ações que possuem mais apostas de queda feitas por especuladores como gestoras e bancos de investimentos. Os papéis das empresas “X” têm enfrentado uma onda de desconfiança dos investidores. São empresas pré-operacionais e parte do mercado está insatisfeita com os resultados apresentados até agora. Já as construtoras vão mal, de modo geral, por operações deficitárias e atrasos em obras.

— O grupo do Eike está muito endividado, precisa investir e mostrar resultado. Enquanto isso, as ações permanecem especulativas — disse Pedro Galdi, analista-chefe da corretora SLW.

Já a Vanguarda Agro, que tinha a ação de menor preço do Ibovespa a R\$ 0,43, quer fazer um agrupamento, operação pela qual a empresa consegue elevar seu preço, trocando



nove ações antigas por uma nova. A cotação do papel passará para R\$ 3,87 (com base no preço da última quinta-feira), se a proposta e a proporção forem aprovadas em assembleia de acionistas.